



VIDAS NA ESCOLA, VIDAS NA FESTA: A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES JUVENIS

Vera Lúcia Gainssa Balinhas - UFPEL

Resumo: Neste artigo apresento reflexões sobre as formas como estudantes do ensino médio se movem em outras esferas da sociedade, especificamente nas festas. Pergunto como as festas estão implicadas com os modos de vida das juventudes e como emergem na escola elementos, contextos e circunstâncias festivas. No estudo de cunho etnográfico realizei conversas e entrevistas com estudantes da educação pública básica. Lancei mão do pensamento de Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Gilberto Velho etc. Estudantes dizem que na festa não há tantas regras e nem são tão rígidas, há mais liberdade para agir. A festa se mostra também como lugar em que se aprende a tratar com pessoas diferentes, a ceder, a ouvir, a negociar posições, a conviver e ser paciente. A escola se aproxima da festa quando quebra o limite da grade curricular, tempo e espaço que inclui as saídas dos prédios escolares para projetos, viagens, acampamentos, passeios, gincanas, jogos esportivos; e também nos intervalos, quando estão com os amigos, falando bobagens, dando risada. Jovens comentam que a escola é local de divulgar festas e programar as saídas à noite.

Palavras-chave: jovens; festas; currículo

Este trabalho é um recorte da pesquisa que trata das relações entre a vida escolar e as formas como as estudantes do ensino médio se movem em outras esferas da sociedade, especificamente nas festas. Atenta às ligações entre a escola e as práticas sociais fora do ambiente escolar, pergunto como as festas estão implicadas com modos de ser de jovens e como emergem na escola elementos, contextos e circunstâncias festivas.

Jovens do 3º ano do ensino médio, de uma escola pública do interior, fizeram ver o tempo e o espaço fora da instituição se entremeando e marcando fortemente o tempo e o espaço escolar, assim como os limites ou a impossibilidade de pensar as culturas juvenis sem visibilizar a vida que corta esses lugares; vida que se mistura aos rituais escolares; vida que escapa dos controles, das regulações e das constantes interrogações dos discursos pedagógicos.

Grande parte das estudantes costumava vivenciar festas, lugares em que a música estava em evidência ou, pelo menos, sentiam vontade de experimentar lugares como o *Planeta Atlântida*. Narravam o desejo de participar do referido festival, considerado um dos maiores eventos musicais da região sul, bastante difundido,

especialmente pelo rádio e pela televisão. Nas observações, na vivência escolar, nas conversas informais com jovens e nos relatos notei que, embora as festas e as músicas assumissem lugar privilegiado, as instituições escolares e as professoras pareciam desatentas ou reparavam pouco nos desejos, nas vontades, nas perspectivas e nos prazeres que movimentam as culturas juvenis.

A organização do tempo, do espaço e dos conhecimentos da escola, muitas vezes, se atrapalha com a complexidade das culturas juvenis, desconsiderando o que está além da educação formal, do currículo prescrito (sistemizado em conteúdos disciplinares, hierárquicos, temas transversais, tempos distribuídos em horas/aulas, medidas de avaliação guiadas por exames...) e estranha o riso, o jogo e a festa. As quebras de regras, os desacertos entre estudantes ou destes com professoras são concebidos mais como ameaça à instituição e à autoridade e menos como movimento de criação e experimentação.

Neste texto, descrevo as festividades enquanto atmosferas de liberdade, transgressão e sensações; problematizo a vida de jovens nos espaços escolares e festivos.

Domínios da festa: corpos, transgressões, sentidos

Em lugar do tempo linear, das ações definidas e ordenadas antecipadamente pela urgência da vida, as festividades elegem a descontinuidade, a sucessão de instantes e o movimento imprevisto. Nas festas prevalecem vontades, o querer, o desconhecido, o não saber, o deslocamento, a multiplicidade de perspectivas, as probabilidades, a disposição para experimentos.

Festejar é priorizar o coletivo, o jogo das sensações e dos sentidos, a aproximação. Deixar de lado as razões, se desvencilhar da verdade anunciada, da utilidade, do bom, do certo, da finalidade, descartar a imortalidade, a eternidade... Apostar no prazer, na criação e na experimentação dos sentidos, no contato entre corpos, o que não descarta nem evita dores, disputas e insatisfações...

Em detrimento do reconhecimento das interdições e dos lamentos cotidianos, a festa se apresenta como vontade de vida. Momentos em que as telas, os telefones móveis e demais tecnologias eletrônicas e digitais se combinam com o aroma, o olhar, o tato, as emoções e os sentimentos que animam os gestos, os movimentos, as

aproximações e as trocas. Festas são protagonizadas, produzidas e divulgadas pelas tecnologias recentes e velozes tais como: MSN, *Twitter*, comunidades *Orkut*, *Facebook*, entre outras.

Nas festas encontram-se não mais, ou não somente, o sujeito ideal da educação, o sujeito atormentado pela moral, tampouco os sujeitos das mídias e das modas, mas pessoas junto com outras, ensaiando, impregnadas pelas melodias e ritmos, extasiadas pelas cenas, pela atmosfera de liberdade, pelas distrações, pelos vínculos afetivos, pelas atividades, pelos corpos que dançam, jogam, se desconcertam, se deslocam, inventam linguagens, gritam e gesticulam.

Contextos festivos podem desfazer o domínio da ordem e da norma, apesar de temporariamente. Ao longo de reuniões festivas indivíduos se misturam com outros em situações que escapam à regra e à norma usuais, indivíduos se aventuram mais em grupos.

A vida coletiva se abre para o desconhecido e o misterioso, pessoas se tornam mais suscetíveis às paixões, às vontades, aos prazeres: os sentidos e os sentimentos são cultivados e exaltados e, por outro lado, recua à chancela da moral, do dever e da lógica. Não raras vezes, nesses espaços, ocorrem também estratégias de homogeneização ou identificação das diferenças e generalização das condutas – relações de disputas, escolhas, exclusões e medos.

Nas festividades prevalece a dispersão, o distanciamento das preocupações, a ação de indivíduos em grupos, agrupamentos, bandos, tribos ou galeras que se desfazem das rotinas e se transformam em personagens construídas com roupas e adereços, figurinos, maquilagens, pinturas, gostos, preferências, cenários, trilhas sonoras, atos e sentimentos. Corpos feitos de carne, de ossos, de músculos, marcados por prazeres, mágoas, solidão, vontades, fragilidades e macerações. Não mais o corpo metafórico ou virtual, mas o corpo vivo e ao vivo, fisiológico e histórico. O corpo: sensível, afetivo, disponível, perceptível, mutável e inteligente.

A combinação de abundância, exageros, excessos, intensidades com a presença de outros – de corpo e alma – produz a festa. Nela, as ligações se estreitam, multiplicam-se as experiências e as ações em busca do prazer, mesmo que implique privação ou troca de referenciais e seus efeitos desafiadores: “perder o pé e a se deixar tombar e arrastar por aquele que lhe vai ao encontro” (LARROSA, 2003, p.197).

Para Bakhtin (2008), as festas se caracterizam pelos encontros ou reuniões consagradas a alguém ou alguma coisa. Reuniões festivas têm vínculos com o tempo e os ciclos da vida, com as renovações, com o crescimento e com as transformações. Em tais ocasiões, há repetição de ritos, convenções e cerimônias que buscam cristalizar memórias e significados, ainda assim ocorrem transgressões, desordens, rompimentos e descontroles. Nas escolas, as festividades do calendário letivo ou do calendário oficial, rotineiramente celebram e afirmam personagens religiosos e históricos, celebridades, datas, leis, tradições.

A festa, assim como o sacrifício e a guerra, é considerada transgressão permitida ou prescrita, ocupando o espaço balizado e autorizado pelo mundo sagrado (BATAILLE, 1987). Nessa acepção, a festa (profana ou sagrada) seria a transgressão consentida, pelos modelos sociais, aos que trabalham ou estudam.

A transgressão se caracteriza pelo apagamento ou obscurecimento dos limites. Ela mantém relação com os limites, mas não os ultrapassa nem supera; não cessa de passar, não vence, não triunfa sobre as interdições ou proibições. A transgressão se afirma no movimento: não é violência diante de um mundo ético, não funda nem tenta abalar verdades, não é uma prática revolucionária, muito menos, dialética (FOUCAULT, 2006a).

A transgressão, experiência singular, faz pensar os balizamentos, os limites, as proibições e, ao mesmo tempo, afirma a impossibilidade do limite sem a existência daquilo que o nomeia. Longe de uma lógica pautada pelo positivo ou negativo que tenta aprisioná-la ou fixá-la no sentido restrito da boa ou da má conduta, a transgressão desconhece os códigos morais. “Uma profanação em um mundo que não reconhece mais sentido positivo no sagrado, não é mais ou menos isso que se poderia chamar de transgressão?” (FOUCAULT, 2006a, p.29).

O retorno ao estudo ou ao trabalho carrega o cansaço do ritmo intenso e dos excessos – a ressaca, a presença desse outro lugar, dessa “segunda via” (BAKHTIN, 2008). Mas, essa presença, essa segunda via, também potencializa a vida, atenua o peso das obrigações rotineiras que se fazem maleáveis pelas reminiscências da festa e, mais que isso, suscita o desejo de outra vez viver a desordem (a transgressão dos costumes, das opiniões e das leis morais).

O jogo de significados vinculados à festa ou os elementos que a constituem (prazer, entretenimento, transgressão, sensações etc.) podem se imiscuir em qualquer parte, em qualquer lugar, a qualquer instante. Nos cotidianos escolares, elementos festivos são definidos como marginais ou, pelo menos, se situam em regiões de fronteira entre o prazer e o perigo estando, quase sempre, na iminência de serem interditados ou instituídos (legitimados, regulados e moralizados).

Nas escolas, jovens são coniventes e costumam driblar e transgredir a seriedade das instituições e dos processos educativos seja nos intervalos, em espaços abertos embora cercados por muros ou em espaços mais restritos... A transgressão, a renovação, o riso de descaso e de alegria aparecem em lugares menos visíveis como nos banheiros, no fundo das salas de aula, nos cantos do pátio, atrás do pavilhão, por baixo das carteiras, nos olhares, nas expressões, nos movimentos e nos risos escancarados.

Jovens conversam, compartilham músicas e fones de ouvido, eles/as se abraçam, se beijam, se escondem, pulam o muro, fogem da escola, se atrasam, estendem o tempo do recreio com jogos e brincadeiras, fazem coisas não autorizadas, inventam estratégias para burlar as normas e as regras.

Nas relações de rotina estudantes se alegram, se exibem, ironizam “se acham”, riem de si e de outros, inventam verdades, fazem gol, pontos, jogadas, perdem o jogo e a paciência, reclamam e gritam palavrões que rasgam a gramática escolar... *Jogo é assim professora...!*

Os territórios não estão seguros, eles se misturam e hibridizam. As festas ou os elementos, contextos e circunstâncias festivas emergem ou podem emergir no descompasso ou na interrupção temporária dos estudos, do trabalho, dos antigos hábitos, dos deveres e dos compromissos sociais.

Elementos da festa não ocupam um lugar único e definido, podem estar no interior da escola, dentro da sala de aula: “(...) tudo que acontece na escola tem fios e tramas dentro e fora da escola” (COSTA, 2003, p.71). Para esta professora, as pesquisas que ficam presas ao espaço escolar dizem pouco; para mim dizem pouco, em especial, sobre a vida de jovens estudantes.

Experiências em espaços festivos que se misturam com as conversas reguladas pela instituição, dentro das salas de aula, nas quadras e no pátio. Nomes de barzinhos e

boates, em que *shows*, bandas locais e de fora da cidade se apresentam e circulam entre estudantes.

A escola e o currículo não estão longe dos encontros e das relações sociais que ocorrem dentro e fora das instituições tradicionais de educação; inevitavelmente inúmeros artefatos culturais atravessam as práticas docentes, os processos educativos e constituem currículos, constituem subjetividades: “Somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponham” (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 28).

Mapeando a investigação escolar

Percorri os espaços da escola, atenta ao ritmo e rituais da instituição, aos códigos instituídos. No decorrer do intervalo entre as aulas, o pátio, os corredores e o saguão da escola foram ocupados pelas jovens. As relações afetivas se estendiam entre risos, jogos, brincadeiras. De longe tudo parecia tranquilo e rotineiro.

Na escola havia estudantes que perambulavam fora da sala de aula, alguns/as prolongavam o recreio, outros/as antes de finalizar as atividades saíam para o pátio; havia aquelas que pela ausência de professoras se deslocavam para a biblioteca, para a sala de informática, para as conversas no sol, para o jogo de voleibol, para os cantinhos do pátio que escapam às regras, para lugares com mais descontração e menos autoridades.

O calendário escolar se mostrou, mais uma vez, marcado pelos feriados e comemorações, pelo dia da criança, pelo dia do professor, pela crença em Nossa Senhora Aparecida, pela preparação do amigo secreto e pela confecção dos cartões para as professoras. Deparei-me com uma atmosfera de homenagens e festividades.

Direcionei-me aos/às jovens dispersos/as pelos vários espaços da escola, circulei pelos agrupamentos, conversei com diferentes estudantes sobre a pesquisa e o interesse pelas festas e suas relações com a escola, ensaiando algumas interrogações: Com quem vão às festas? Quais são os lugares que costumam frequentar? Ouvi nomes de lugares que se repetiam: *Doha*, *São Patrick*, *Diesel*, *Larus*, *Salento* – bares e boates do balneário Cassino e também da parte central da cidade.

Quando indaguei acerca da relação das festas com a escola, uma delas pronunciou sucinta e imediatamente: *Nada*. Outro estudante contrariou: *Tem relação sim*. Uma jovem comentou que na escola combinam sair juntas, trocam informações, conhecem pessoas e, dessa maneira, conseguem privilégios como descontos no bar e, algumas vezes, entrada livre na portaria.

Em outro momento das conversas, estudantes (todos do sexo masculino) afirmaram não participar de festas. *Não vão à festa?* - Repeti. Um deles relatou ser evangélico e que o significado das festas para os evangélicos era diferente: *Vamos às festas, mas não bebemos, não usamos drogas e é durante o dia*. Nesse dia, uma jovem se mostrou interessada no assunto, comentou que a mãe a considerava jovem demais para festas noturnas e, por isso, não permitia que frequentasse tais eventos.

Os relatos de uma estudante sobre a inconveniência de muitos adultos que frequentam as festas e não sabem se comportar pode ser lido abaixo:

Têm os velhos que vão para incomodar, os que ficam olhando sem cessar, os tarados e as velhas que vão para chamar atenção usando roupas inadequadas, mostrando as banhas ou usando saias muito curtas (Camila).

Os adultos foram identificados como inoportunos e ultrapassados por algumas jovens. Posições que marcam a força das classificações sociais, posições que traçam expectativas, modos de conduta e definem a forma mais conveniente de trajar, assim como os divertimentos apropriados a cada faixa etária.

A curiosidade e os desejos das juventudes as lançam a experimentar a vida em espaços sem a presença de adultos; presenças que incomodam pela lembrança do mundo que não desejam repetir, pelas regras e respostas que não querem ouvir nem seguir. Esse pensamento se mostra na fala de uma das estudantes incomodadas pela presença da mãe da amiga que acompanhava a filha seguindo os movimentos com olhar inquisidor.

Nas conversas paralelas, propiciada pelos momentos de descontração, aventamos a possibilidade de realizar filmagens e fotografar as festas. O nome de três lugares surgiu nas falas das jovens e notamos, pela primeira vez, o interesse de algumas estudantes pelas festas *raves*.

As festas dependem do planejamento, da organização e da batalha do ingresso, seja a necessidade do dinheiro para comprá-lo ou a busca pelo ingresso-cortesia presenteado por amigas ou pessoas conhecidas. Tais aspectos fazem parte do “ir ou não

ir” às festas. Com frequência os planos se desfazem quando o apoio financeiro vindo de casa e os contatos falham; a festa aciona uma rede, uma maquinaria que nem sempre funciona, a falta de autonomia financeira parece atrapalhar os planos das jovens.

Conversas com jovens na escola do balneário

Nas conversas, tratei sobre as festas, a escola e suas relações. Entre perguntas, respostas e conversas mais descontraídas, foi gravado o que diziam; também foram feitas anotações e perguntas.

O primeiro jovem entrevistado havia comentado sobre as festas no período do recreio e durante os intervalos das aulas. Ele aceitou o convite para ser entrevistado. O professor, com quem teria aula, permitiu sua saída. Fomos em direção à porta de entrada da escola e sentamos no banco junto à floreira, na parte de fora da escola, junto à avenida principal – espaço público em que pedestres usufruem de diversas maneiras, tais como para atividades físicas diárias e para os deslocamentos de bicicleta até o mercado ou em direção à escola.

Esse procedimento de conversas e entrevistas se repetiu algumas vezes, em diferentes lugares: fora do espaço escolar, na avenida, na padaria próxima à escola e na biblioteca.

E na escola eles impõem a disciplina, o jeito que nos ensinam eles impõe que a gente seja melhor que os outros, que a gente se sobressaia sabe? Na festa isso não existe.

Guilherme comenta a relação das estudantes da escola com a música, ele acredita que na escola compartilham e se reúnem em torno da música, ouvindo e tocando instrumentos e isso lembra o convívio das festas:

Sei lá tem várias pessoas que fazem música aqui e que junta as pessoas. Porque um gosto junta as pessoas. Tu podes nem gostar da pessoa, mas gostar das mesmas coisas que tu gostas já é um baita laço entre duas pessoas. De tu esqueceres aquilo que tu leva do pessoal e trazer para aquilo que tu gosta, entendeu?

A escola se aproxima da festa quando estudantes saem das salas de aula e estabelecem vínculos afetivos de cooperação e criação coletiva:

O que pode juntar a pessoas? Quando a gente faz alguma coisa fora da classe, ir para algum lugar ou sei lá.. A gente foi acampar no ano passado e isso juntou muito o pessoal sabe? Porque a gente teve que fazer várias coisas, usar o que era do outro. Ah me empresta tua lanterna, tal e essa coisa de juntar foi bem legal A gente conheceu várias pessoas que eram de outras turmas e nem dava bola, não se conhecia. Isso foi juntando a gente e criou uma coisa legal. Foi um momento que nem a festa.

Guilherme vai mostrando as formas de existência que são criadas nos espaços não convencionais da educação escolar e como essas características se aproximam dos momentos de festas.

Tem que ser um lugar que tem uma aparência mais antiga...

O estudante Antônio costuma ir às festas com amigos, interessado em assistir *shows* de bandas em lugares *underground*, na parte central da cidade. As festas são raras, sendo comum caminharem “darem uma volta”, beberem juntos, permanecerem na avenida principal do balneário. Estão atentos às festas noturnas, quando algo ou algum lugar chama a atenção do grupo, eles vão. Participam de festas organizadas em salões alugados, não há um local fixo. As festas trocam de lugares e de nomes, mas mantêm o estilo, com músicas do gênero *hard rock* e *punk rock*, músicas do final da década de oitenta.

A expectativa de Antônio é tirar proveito da noite, conhecer gente diferente, encontrar lugares e experimentar, evitar a monotonia do cotidiano. Para ele, a festa precisa ter alguma coisa... Pode ser o lugar ou pessoas com as quais seja possível trocar ideias, “pessoas que tenham assunto, gostem de falar”. Na conversa, lembrou-se de um amigo que busca nas festas lugares com mobílias e objetos que lembrem o passado e “gente mais antiga”:

Tipo... Tem um amigo que é fissurado, que diz assim: Tem que ser um lugar que tem uma aparência mais antiga... Balcão de bar americano, uma mesa de sinuca, um monte de gente escutando música, um lugar assim, gente mais antiga no lugar também.

No que se refere à ligação das festas com a escola, o estudante percebe relações imediatamente:

Tem muita gente que eu conheci em festa e era do colégio, só que eu não me dava com a pessoa, comecei a me dar depois, com o convívio com as pessoas no colégio também... Tipo isso, tu conhece uma pessoa do colégio, só que tipo tu não conversa, não te dá com ela... Aí tu acaba indo numa festa começa a conhecer através de alguém e aí no colégio tu continua te dando bem com a pessoa e vai... Cada vez ficando... Vai tornando amizade. O Irineu, eu não conhecia ele muito bem, aí ele passou para a turma esse ano e fiquei nas mesmas festas, a gente começou a ficar amigo, conheci as pessoas com quem ele se dava, que eu conhecia só de vista, não falava com elas. Através de uma pessoa que eu conhecia eu fui conhecendo outras.

Nas frases acima, o estudante parece construir uma associação precisa entre as festas e a relação de aproximação com os colegas da escola. A festa se torna facilitadora e intensificadora das relações no espaço e tempo escolar. A diferença de idade parece não pesar nas trocas que ocorrem nas festas, neste caso, contrariando as lógicas etárias, dos conflitos geracionais, o estudante prefere o encontro com “pessoas e lugares antigos”.

Eu quero saber o que aconteceu antigamente. Eu quero conhecer o que eles faziam, como é que era para ver se é a mesma coisa o que eu faço. Cada um tem uma preferência diferente, faz uma coisa diferente, acaba todo mundo indo pela mesma... Tem a mesma curiosidade... Acaba querendo conhecer o que o outro quer conhecer... Acaba tendo essa curiosidade sempre.

A festa se mostrou como uma forma de estabelecer vínculos e contatos; o jovem demonstrou curiosidade pelos diferentes modos de viver e de experimentar de outras gerações. Tal estudante se refere aos mais velhos como mais antigos. E quando questionado sobre a possível censura dos “mais antigos” ele responde de chofre: “Normalmente o pessoal mais velho, tipo, eles já fizeram coisa bem pior do que a gente já fez... Mas tipo assim, quando a gente faz uma coisa errada eles não influenciam só dão exemplos”.

O tipo de festa que Antônio costuma frequentar são divulgadas pelo MSN, *pelas comunidades Orkut, Twitter* e no bate papo da escola. As comunidades virtuais aparecem articulando encontros e programando a vida fora dos espaços institucionais tradicionais.

Para Antônio, os organizadores das festas quase sempre são aqueles que tocam em alguma banda, precisam do espaço físico, isto é, precisam alugar o salão; portanto, evitar brigas significa garantir locações e festas vindouras.

Quando tem uma briga, alguma coisa... Torra o lugar. Dizem tipo: Bah. Os caras são rockeiros, todos de preto, se drogam e vêm aqui para brigar e quebrar tudo... Então não vale a pena deixar mais eles alugarem. Aí vai cada vez reduzindo. Tem menos lugares se tem alguma briga.

O cara bebe e fica sem-vergonha. Sem-vergonha mesmo!

A entrevista ocorreu mais pelo interesse de outro jovem do que por escolha. Este insistiu, solicitou a liberação da aula à professora de Sociologia, que permitiu prontamente. Ele comentou que não frequenta mais as festas ditas “normais” e passou a dedicar-se às práticas religiosas no Salão do Reino. Disse que agora está estudando para se tornar Testemunha de Jeová.

Eu vou numa festas com meus amigos, mais de igreja, mas é irmão da igreja. É como se fosse uma festa normal só que não tem essas pegação, não tem bebida... Mas tem música, tem dança... [Nas festas] O cara bebe e fica sem-vergonha. Sem-vergonha mesmo (José).

Embora a festa seja um lugar de fazer amizades, argumentou que tais relações se restringem aquele determinado espaço.

E tu conhece muita gente, principalmente na *Diesel* vai muita gente de todos os colégios e tu faz amizade... O pessoal lá do São Francisco. Tem pessoal que eu conheço que eu nunca vi na rua, só em festas Não, é bom de conhecer pessoas, mas foi só para aquela viagem, para aquele fim mesmo. Os amigos que tu vai para a festa são aqueles que tu voltas. Pode fazer trezentas amizades lá, no final da festa quando acabar tu vai voltar com as mesmas pessoas; os primos, os vizinhos, os parentes (José).

O tom de arrependimento pelas coisas que fazia e os lugares que costumava frequentar mostrou esse redirecionamento da vida para a religião – a culpa e a confissão marcam sua fala. José foi convidado a participar das reuniões de estudo por um colega, cuja família pertence à religião Testemunhas de Jeová.

Se tu parar para pensar tu vai numa festas dessas. Olha o que esse pessoal vem fazer aqui? Quando eu for mais velho eu não vou fazer isso. Quando eu for mais velho... Eu quero ter uma família e vou trazer meus filhos para cá? Não tem nada a ver, entendeu? Tu não vai arranjar uma mulher para te casar numa festa dessas, porque as mulheres que vem aqui ficam com todo mundo. Tu não vai querer casar com uma mulher dessas. Ou seja, isso aqui não é um ambiente para te encontrar namorada nem para fazer amigos. Entendeu?

A energia do jovem, agora voltada à religião, apesar do descontentamento com as posturas de padres e pastores que havia conhecido em distintos espaços religiosos, se direcionou para a criação de laços de devoção. A religião compreendida como rede social que facilitou, ao estudante, contatos, informações, acordos, debates, gentilezas etc. Ele lembrou a importância da revista usada pelos fiéis e traduzida em diferentes línguas e regiões do mundo, comentou acerca das polêmicas e temas da vida social que a revista abarca. A seita e os fiéis difundem posições, sinalizam atuações, seguem a orientação da revista que pretende padronizar posicionamentos em diferentes lugares, nas diferentes línguas e culturas, como aponta o estudante:

Ele [Testemunha de Jeová] segue um padrão, é uma revista. Chama-se a Sentinela. E vai estudar todo o final de semana. Exatamente a mesma revista. Um irmão de Portugal, a gente conversa porque são os mesmos assuntos que são debatidos. Eu não sou irmão, eu estou caminhando para isso (José).

O estudante encerrou a conversa me perguntando quando retornaria para entregar um livro sobre a sua nova religião. Essa atitude remeteu-nos aos fiéis e suas caminhadas de domingo com revistas na mão e palavras na ponta da língua, que pretendem convencer e converter.

E aí claro o colégio me lembra a festa a parte que tu estás com teus amigos, tu estás dando risada

Bento vê aproximações entre a escola e a festa, considera os acontecimentos nas festas são mais intensos e rápidos. Enquanto a escola é obrigação, a festa é pretexto para encontros...

A festa é um lugar que tecnicamente tu podes fazer qualquer coisa. Já na escola tem um rigor em cima de ti, te forçando a seguir essas normas [...]. A festa tu não tem obrigação de fazer absolutamente nada. A festa é só uma desculpa para tu ir lá ouvir musica e ter gente mais ou menos da tua idade para tu conversares.

Ao dizer tecnicamente, Bento explica que na festa também existe padrões e comportamentos diferenciados a serem seguidos:

Não que tu sejas isso, tem que te adaptar a festa. Aqui no colégio o cara faz uma brincadeira no colégio, tipo eu dou risada junto com eles, e não sei o que. Mas depende. Se fizerem essa brincadeira comigo na festa eu já tenho que ver de outro jeito porque normalmente tu não queres ser chacota em nenhum lugar. Tu quer fazer piada do outro, mas tu não queres ser piada. Tem essa hipocrisia assim.

Para ele, as festas diferem em relação às brigas (frequentes ou não), ao consumo de drogas (variedade de drogas e quantidade de drogas).

É lá é mais fácil, vamos supor tu, não que tu consigas lá, mas tu ver gente no banheiro cheirado cocaína, fumando maconha. No Moa pelo menos eu nunca vi ninguém fazendo isso, mas deve ter. Briga fecha, geralmente fecha o bar no do *El Parador*, porque a bebida é mais barata, então o pessoal bebe mais.

Ao tratar das relações no espaço escolar e na festa comenta que os contatos não acontecem na mesma velocidade e com a mesma espontaneidade nos dois lugares. Para Bento, os computadores e as redes virtuais facilitam a vida social. Na escola, primeiro vem o olhar, a conversa no intervalo, depois o pedido para adicionar a guria nas redes (MSN, Orkut) e de acordo com o clima, o convite bem sucedido para ir ao cinema ou à festa:

Por exemplo, quando tu vês normalmente tu não vai diretamente conversar com ela. Aí ela começa a olhar. Tu perguntas se ela tem MSN. Aí tu a adicionas no MSN, aí tu vais conversando no intervalo com ela, aí tu convida para sair. É o ato final, aí tu vês o que ela vai colocando. Amaciando a carne. Depois começa a conversar no intervalo. Pinta aquele clima e depois convida para sair. Na festa é mais legal porque tem aquela adrenalina. Adrenalina porque na hora tu podes dizer uma coisa errada. Se tu faz uma coisa errada deu...

A escola e a festa são lugares em que se alinhava o jogo de bola, o cinema, a praia. *Tu ficas combinando o que fazer no outro dia. É uma parte que se torna igual ao colégio. Quando tu saís da festa tu saís com três, quatro coisas para fazer durante a semana.*

Ao tentar localizar uma das baladas prediletas, comentou que elas estão sempre trocando de nomes, mas os prédios ou casas são os mesmos: *É aqui no Cassino, onde era a Diesel. Não sei se tu sabes? Era Diesel, ficou El Parador e agora é o Tabu. É o mesmo lugar. Só vai mudando, cada ano o nome.*

Jovens do balneário também circulam pelas festas, para quebrar a rotina, para ter algo que fazer. As festas seguem um cronograma: *Toda sexta tem Salento, Toda sexta tem tabu, sábado passado teve festa das engenharias... Tu vais te acostumando. Tabu tem quarta e sexta, no Doha tem sábado, Efect domingo tem no Cassino e na cidade.*

E no outro dia é sempre melhor...

A jovem entrevistada citou diferentes festas e lugares que fazem parte do seu roteiro de lazer: no centro da cidade, no Cassino e também na sua cidade natal. No balneário costuma ir com amigas da escola – colegas da sala de aula. Para as festas no centro da cidade do Rio Grande ela tem a companhia das amigas, amizades constituídas no cotidiano da antiga escola, antes de mudar-se para o balneário Cassino. Afirma, no entanto, que as melhores festas são aquelas da sua antiga cidade – Dom Pedrito. Nesta, que é sua cidade natal, há apenas uma festa em que todas se encontram, uma vez que a cidade é pequena. Para Lorena, a festa é lugar de conversas e amizades, a maior parte das pessoas com as quais convive conheceu e estabeleceu laços afetivos nas festas.

A referida estudante salientou, também, o imenso prazer do dia depois da festa – as memórias da festa: “E no outro dia é sempre melhor. É que tem que comentar. E saí aquele comentário bah! Ah não sei... alguma coisa que aconteceu contigo e as pessoas não viram”.

Para a estudante, a festa aproxima colegas e facilita os vínculos escolares e extraescolares “Muitas pessoas que eu não me dava assim, que eu nunca nem oi, sabe? Aqui do colégio mesmo. E chega na festa tu reconhece e vem me cumprimentar, vem

falar comigo”. A jovem lembra que apesar da espera e do desejo, às vezes, ocorrem imprevistos que a impedem de ir às festas:

Às vezes acontece, a gente espera e aí na sexta acontece alguma coisa que a gente não pode sair. Aquele dia mesmo, a gente ia sair... Na sexta feira o Pedro estava doente.

Aí que a gente vai fazer... Fica em casa, ora... Espera para o próximo Agora o próximo é dia 13 que a gente vai. Vai com certeza [...] É sempre um ritual. Tu chegas e está tocando eletrônica para se pilhar. Aí começa uma banda de pagode. São sempre duas bandas. Começa uma banda de pagode uma hora e meia de show. Acaba e começa com *funk* e aí depois outra banda de pagode e acaba com eletrônica de novo para ti querer ficar mais. Para mim acaba 06h30min Amanhecendo... Eu sempre volto para casa amanhecendo.

Se tu ficas só em casa, se tu não sais. Tu não tens experiência com pessoas diferentes de ti.

O jovem estudante Pedro relata a festa como lugar em que se aprende a tratar com pessoas diferentes, lugar em que se aprende a ceder e a ouvir, enfim, negociar posições, conviver, ser tolerante:

Se tu ficas só em casa, se tu não sais. Tu não tens experiência com pessoas diferentes de ti. Numa festa tu não vais só com teus amigos. Vai ter gente que tu não gostas. Vai ter gente que tu vai ter que aturar mesmo. Tu aprendes muita coisa: a conviver com pessoas, a lidar com pessoas diferentes de ti, a lidar com gente diferente, aprende a ter paciência, a não se estressar, a falar.

Em contrapartida, a escola se mostra como um espaço ainda fechado, arredo às mudanças e aos pensamentos diferenciados, um espaço que privilegia e defende as instituições, as posições fixas, impõe restrições, alimenta as relações de poder quase imutáveis.

Eu estava falando isso na aula da [referindo-se a uma professora], ela é muito ignorante. Ela não gosta que ninguém fale na aula dela. Ela fala para ti como se tu não pudesse falar nada para ela.

Na concepção do estudante, a escola tenta uniformizar padrões de comportamento, impedindo ou dificultando os diferentes modos de agir, de falar, de

vestir... O jovem se inquieta e se recusa aos limites que os modos de organização social escolar instituem, e busca nas festas mais que isso:

No colégio tu olhas assim, a pessoa está ali né, só passa por ti, não conhece
Aí na festa às vezes ela bebe ou sei lá tu tem a possibilidade de falar com ela
mais aí tu vê que ela é diferente, mais engraçada ou mais chata... aí tu tem a
possibilidade de falar com ela, ver como é que ela é.

Ainda referindo-se ao espaço festivo ele comenta: “Tu aprendes com a vida. Sei lá, tu aprendes, fica esperto” A festa rompe a cadeia de valores e posições que a escola tenta perpetuar, os limites de liberdade são distendidos e a vida se mostra como possibilidade de aprender com o diferente.

Entre a vida das jovens na escola e nos espaços de festa, estabelecem-se relações de vários tipos e, para algumas jovens, relações opostas. Na escola é preciso comportar-se bem, o corpo e os modos não podem fugir das convenções, isso implicaria o risco de ser impróprio e inadequado, além disso, sofrer as desvantagens de tal postura.

A escola é totalmente oposto da festa, a festa não tem regra, na festa tu faz o que tu quiser

Apesar de existir formas de comportamentos convencionadas que organizam a vida e a relação com o outro, nos diferentes lugares, para a jovem Camila, a festa se mostra como possibilidade de sonhar e viver outra vida – uma participação sem normas e regras.

A escola é totalmente oposto da festa, a festa não tem regra, na festa tu faz o que tu quiser. Qualquer coisa tipo beber, fumar, cheirar, dar... E na escola é aquele ambiente tipo É tipo tu não pode beber, tu não pode sair fora da aula no horário permitido, tu não pode... Sabe é aquele negócio regrado. É aquela coisa tipo é assim e tu vai andar assim e não sai fora disso. A festa não, a festa tu vai pelo caminho que tu quer.. Eu acho que não tem relação. E uma coisa totalmente oposta a outra.

A referida estudante costuma frequentar *festas* que são diferentes das festas: “As únicas festas que eu vou são as *festas*, que é um bar, alguma banda aluga e daí faz um festival pequeno com as bandas da cidade, aí tipo vai todo mundo que gosta das bandas. Tipo nós vamos. As bandas tocam e a gente fica ouvindo. Mas não é uma FESTA”.

Algumas considerações

As festas e as vidas das juventudes da escola Silva Gama estão implicadas. Observações, comentários, anotações feitas no decorrer das conversas, encontros e entrevistas marcam o gosto pelo espaço e tempo festivo. Lugares para fazer o que não é permitido e dizer o que não poderiam em outros locais. Lugares de experimentações e intensidades em que os limites se estendem ou nem são percebidos.

As juventudes se constroem na escolha das festas, na preferência por este ou aquele estilo de música, nas companhias, nos modos de ocupar e vivenciar tais ambientes. As narrativas traçam o percurso de chegada ao mundo das festas; às vezes há o desejo de ocupar tais lugares *para pegar outras pessoas; para ficar com outras pessoas; para fazer alguma coisa, para se divertir*. Outras vezes jovens escapam das interdições familiares por convencimento ou por transgressão das regras *tipo, eu disse que fui na casa da minha amiga e fui na festa*. Há, também, aquelas que desistem das festas: *troquei a festa pela religião*.

As festas e a escola, para algumas jovens, nada tem em comum: a festa não tem regras e há mais liberdade para agir. Para outros se aprende a lidar com diferentes indivíduos; lugar em que se aprende a ceder, a ouvir, esperar, silenciar, enfim, negociar posições, conviver e ser paciente. A escola se aproxima da festa quando realiza atividades que esticam o limite das grades curriculares. Um tempo que inclui as saídas dos prédios escolares para projetos, viagens, acampamentos ou passeios, as gincanas, os jogos esportivos, os intervalos do recreio. Ou ainda, como depoimento de Bento *E aí claro o colégio me lembra a festa a parte que tu estás com teus amigos, tu estás dando risada*.

A escola aparece nas falas juvenis, frequentemente, como espaço e tempo ainda fechado, arredo às mudanças e à criação de pensamentos; local que privilegia e defende posições fixas, impõe restrições, mantém relações de poder quase imutáveis.

Seria possível viver o espaço, o tempo e os conhecimentos da escola de outra forma? De forma que nem sempre nós, educadores/as, exijamos dos/as jovens que se “elevem” até nosso saber (nosso?) adulto, formal, disciplinar? De forma que nós, educadores/as, sem pedagogizar a festa, consideremos as culturas jovens dignas de

consideração e apreço, pois talvez nela esteja o novo, a diferença, e não o novamente, a mesmidade.

Referências

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo Martins Fontes, 2004.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: Editora USP, 2003.
- CERTEAU, Michel de; GIARD Luce, MAYOL Pierre. *A invenção do cotidiano 2. Morar e Cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique.** *Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação* nº 23. Rio de Janeiro Maio/Agosto. 2003.
- DENZIN, Norman K, LINCOLN, Yvonna S. *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In Norman K, LINCOLN, Yvonna e colaboradores. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. DENZIN, Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Prefácio à transgressão. In MOTTA, Manoel Barros da (org). *Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- GOODSON. Ivor F. *Currículo teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LARROSA, Jorge. *Tecnologias do Eu e Educação*. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs) *Pesquisas urbanas. Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

